

RESENHA

WATERS, Lindsay. *Inimigos da esperança*. Publicar, perecer e o eclipse da erudição. Trad. Luiz Henrique de Araújo Dutra. São Paulo: UNESP, 2006. 96p.

Pesquisando com o inimigo

Ana Elisa RIBEIRO

(Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET-MG)
anadigital@gmail.com

Lindsay Waters, editor da Harvard University Press, dirige uma das editoras universitárias mais importantes do mundo. Não apenas por isso, parece conhecer de perto o universo da corrida pela publicação nos dias atuais. Em *Inimigos da esperança – publicar, perecer e o eclipse da erudição* (cujo título original é *Enemies of promise*), o autor, em tom exaltado, tece críticas ferinas a essa espécie de “avalanche” que afeta a produção científica no mundo inteiro e, também, cá entre nós, no Brasil.

A obra tem título pouco esclarecedor, quando se toma contato com ela pela primeira vez. Composta de duas partes (“Os bárbaros a nossas portas” e “Do cinismo à iconoclastia – a promoção do *status quo*”) subdivididas em breves seções, o livro aborda aspectos editoriais, políticos, econômicos e ideológicos do que o autor chama de “cacofonia” acadêmica. No Brasil, a obra foi publicada pela Editora da Universidade do Estado de São Paulo (UNESP), em 2006, com tradução de Luiz Henrique de Araújo Dutra, e composta em apenas 96 páginas de ironia e crítica atroz.

Qualquer professor-pesquisador minimamente engajado no ambiente universitário sabe bem do que Waters está falando. Pode-se admitir postura diversa da dele, mas se o livro não servir como alerta (àqueles que pensam que seja alarmismo do autor), serve ao menos para uma pausa para refletir.

A corrida pela publicação talvez jamais tenha sido tão frenética quanto hoje. Pesquisadores e professores precisam alcançar o estrelato nas avaliações de órgãos do governo, as universidades precisam obter conceitos e notas altas, programas de pós-graduação precisam sustentar suas boas famas e tudo isso depende da produção dos docentes vinculados às instituições. Os currículos, de preferência o Lattes, precisam estar muito bem-recheados para que valham algo nessa competição, daí uma explosão de revistas ruins e livros que deveriam

ter sido revistas. Um *boom* de obras organizadas com jeito de coletânea escolar, artigos feitos a partir de dissertações de mestrado e teses de doutorado mal-editadas, textos apressados, organizadores esbaforidos tentando aumentar um ou dois pontos na “carteira”.

Para Waters, é necessário repensar aspectos dessa “corrida” e, mais do que isso, frear uma atitude de subserviência a esse tipo de prática, “naturalizada” por muitos, como se viver sob ameaça fosse algo “normal”. “O problema é a insistência na produtividade, sem a menor preocupação com a recepção do trabalho. Perdeu-se o equilíbrio entre esses dois elementos – a produção e a recepção. Precisamos restaurar a simetria entre eles” (p. 25), é pelo que clama o editor de Harvard.

O título do livro se explica melhor na página 28, quando Lindsay Waters esclarece sobre o que chama de “eclipse do valor”:

Entramos na região sombria da pesquisa acadêmica, e agora as exigências de produtividade estão levando à produção de um número muito maior de coisas sem sentido. Em épocas como esta, pesquisadores inescrupulosos e inebriados fazem alegações falsas sob a aparência de serem interessantes, mas que são também inverificáveis.

Segundo o autor, a “superinflação” de obras e publicações escamoteia pesquisas malfeitas, mal-escritas e supostamente interessantes. A afirmação de aspectos inverificáveis, para ele, afeta especialmente as ciências humanas, em que ele se detém indignadamente ao longo de várias páginas.

O problema dos artigos ridículos publicados pelos estudos das humanidades foi em parte resultado do grande aumento do número de publicações que se espera que eles próprios (e todos os acadêmicos) perpetrem em papel ou despejem uns sobre os outros, na forma de comunicações em congressos. Esse quadro mostra um mundo todo errado, mas o problema não se limita às humanidades. Estamos experimentando uma crise generalizada das avaliações, que resulta de expectativas não razoáveis sobre quantos textos um estudioso deve publicar. Não estou dizendo que não haja boas publicações – isso está muito longe de ser o caso –, mas o que as boas publicações têm de bom se perde em meio a tantas produções que são apenas competentes e muitas mais que não são nem isso. (p. 24-25)

Nesse emaranhado de textos de má qualidade que sufocam os poucos textos conscienciosos, perde-se o leitor, se é que ele ainda está lá e consegue acompanhar a enxurrada de livros de sua área. Para Waters, “Em nossa fúria escolástica para empanturrar as bibliotecas até que explodam de publicações, algo se perdeu. E o que fazemos agora, quando cada vez mais as bibliotecas não compram livros e eles não são lidos, nem avaliados, mas apenas contados?” (p. 84). O fato parece verificável em qualquer uma de nossas universidades. Em avaliações de

governo para validação e reconhecimento de cursos de graduação, contam-se as obras da biblioteca, especula-se sobre a relação livros/alunos, mas muitas vezes não se questiona quais dessas obras foram efetivamente consultadas e estudadas. Alunos compram livros? Mesmo quando desenvolvem seus doutoramentos? Não raro é possível testemunhar centros universitários privados encherem estantes de obras novinhas, sem qualquer sinal de uso, apenas para receberem avaliadores do Ministério da Educação. O que fazer diante disso?

Waters, em tom inflamado, aborda ainda problemas como as relações de poder entre colegas e as publicações eletrônicas, nova saída para a publicação inadvertida de qualquer coisa que se faça sob a rubrica da pesquisa acadêmica. Para o autor, é preciso pensar, inclusive em silêncio, antes de espalhar pelo mundo tanta irreflexão.

(...) temos uma situação obviamente injusta, na qual pessoas com poucas publicações estão na condição de cobrar de seus 'colegas' mais jovens realizações das quais eles mesmos nunca foram capazes. (...) A única justificativa que os mais velhos têm para proceder dessa forma é que eles podem agir assim, o que é de enlouquecer, uma vez que aumentar exigências não tem intrinsecamente nada a ver com pesquisa acadêmica. (p. 56)

Qual é a relação entre pensamento, erudição e publicação? Essa é a questão central do livro, que não oferece respostas prontas, apesar do tom taxativo da discussão que apresenta. Certamente, este ensaio causou fúria no meio acadêmico norte-americano e causaria, de qualquer forma, aqui ou em países que adotaram políticas produtivistas na área acadêmica. "Por que presumimos – sim, presumimos – que haja uma correlação entre loquacidade e o exercício da inteligência que convém a um professor?" (p. 83) Para Waters, há exemplos de pensadores maravilhosos que nunca publicaram nada. E para quem critica o editor de Harvard, o argumento é de que não se vive mais fora desse sistema.

"Ora, no mundo acadêmico, o que temos é uma cacofonia" (p. 84), vozes que não soam harmônicas e parecem não dizer nada. Um barulho feio que torna difícil qualquer distinção entre o bom e o que parece bom. O ruim sumido entre palavras encontradas em dicionários antigos. Sobre isso, Waters adianta que

A alfabetização pode ser um bem comum, mas – como tantos outros bens comuns – não tem lugar próprio. E os contribuintes estão muito insatisfeitos com os professores, porque não gostam do que lêem sobre determinados luminares, empregados por universidades importantes, cuja fala obscura e impenetrável mais parece entulho. Melhor jogar todos eles no lixo. (p. 24)

Além do não ter algo a dizer, há ainda a linguagem enrugada de textos que parecem cortinas de fumaça. Impenetráveis, gabam-se da pouca legibilidade como se ela lhes loteasse melhor os parques leitores possíveis. Se é que esses eventuais "leitores" o são e se é que não estejam, também, fingindo um diálogo que não há. A publicação de obras deixa de ser contribuição

efetiva ao mundo e à ciência e passa a ser “o troféu da realização profissional – como um distintivo de escoteiro usado sobre o uniforme – quando a própria individualidade de sua produção e recepção não estão mais no centro das atenções” (p. 41). Duro, mas compreensível.

Das *Carte sudate* (“páginas de manuscrito sujas pelo suor das mãos que as produziram”) resta pouco, já que o pesquisador não teve tempo para pensar (ou para sujar o teclado do *notebook*). “Nossos estudiosos querem dizer sobre seus próprios esforços: ‘Veja, mamãe, sem as mãos!’” (p. 41).

O pressuposto de Waters é de que houve um tempo em que as publicações valeram a pena e foram menos misturadas a disparates bem-arranjados. Também parece haver certa defesa do papel do editor à moda antiga, espécie de “filtrador” eleito e preposto que saberia separar o joio do trigo. Daí a abordagem, por Waters, da avaliação de originais, da forma como é feita, por exemplo, em revistas acadêmicas. Segundo o autor, a avaliação pelos pares surgiu nos séculos XVI e XVII e as melhores casas de impressão tinham “corretores” em seus *staffs* para ajudar “os autores a deixar seus livros mais bem acabados” (p. 59). Onde estão esses “corretores” e esses leitores atualmente? Envolvidos com o sistema produtivista? E que nuances ideológicas têm essas avaliações, quando são feitas? Revisão, avaliação ou censura? “Podem então me chamar de idólatra. Acredito que os livros podem nos transformar, que, em si, os melhores deles têm a capacidade de interagir conosco de maneiras que trazem à vida coisas novas. Mas temos de deixar que eles nos atinjam” (p. 79-80).

É certo que o livro mantém *status* diferente de outros suportes, ao menos pelo que sugere Waters. A profusão de publicações descuidadas parece ser o alvo real do pesquisador. O *Tolle, lege* de Santo Agostinho é invocado para que o editor fale dos contemporâneos: “Santo Agostinho opõe-se a nossos contemporâneos que tiram do livro qualquer importância ou conteúdo, porque ele acreditava que um objeto – um livro, um filme, uma canção, qualquer artefato fora do corpo – podia levar a uma interação que muda a alma” (p. 80). *Tome e leia o livro* é, hoje, atividade pouco garantida.

Daí à discussão sobre as revistas eletrônicas é um salto curto. Para Waters, esse tipo de publicação digital só aumenta o problema, em tamanho e em profundidade. Para quem pensa que a revista eletrônica facilita o tráfego da informação científica e dá melhor saída aos textos originais, Waters é enfático:

Nas idéias malucas de alguns sonhadores, o novo mundo das publicações eletrônicas realmente será um progresso em relação aos livros. Pensar assim é deixar de entender que a publicação eletrônica apenas vai piorar a

situação. Além disso, vai piorar a ponto de privar de vida os princípios por trás da cultura do livro. É melhor darmos um basta a este discurso tolo e manter a pressão sobre os bibliotecários, e sobre nós mesmos, para valorizarmos mais o livro. (p. 85)

A despeito do tom de bravata da obra e de certa curiosidade sobre a tradução de frases que não ficam muito claras, é certamente importante parar um momento para ler essas 96 páginas e reconduzir certas ações. Que não adiante muito essa parada e que se continue cumprindo as “metas” universitárias é até compreensível, mas que ao menos se faça isso com um mínimo de senso crítico. Não se sabe se a leitura de *Inimigos da esperança* tornará possível alterar as rotas das “ridículas” pesquisas em Humanidades ou calar os escrevinhadores mais ávidos, parafrazeadores dos próprios textos. No entanto, já seria bom se a leitura do livro despertasse parte do contingente de bons pesquisadores mais silenciosos, animando-os a escrever (mais conscientes de sua responsabilidade); ou se talvez nós, leitores, passássemos a prestar mais atenção ao que se faz (e a quem faz) do que ao que se escreve em série.